

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

AISSANA DOS SANTOS DA ROSA

**IMAGINAÇÃO E LINGUAGENS DA ARTE: PROVOCANDO O PROCESSO
CRIATIVO DOS ADOLESCENTES**

CRICIÚMA

2012

AIISLANA DOS SANTOS DA ROSA

**IMAGINAÇÃO E LINGUAGENS DA ARTE: PROVOCANDO O PROCESSO
CRIATIVO DOS ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
para obtenção do grau de licenciada no Curso
de Artes Visuais da Universidade do Extremo
Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Aurélio Regina de Souza
Honorato

CRICIÚMA

2012

IMAGINAÇÃO E LINGUAGENS DA ARTE: PROVOCANDO O PROCESSO CRIATIVO DOS ADOLESCENTES

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 28 de novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Aurélia Regina de Souza Honorato – Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof.^a Anamélia Fontana Valentim – Mestranda - (IFSC)

Prof.^a Odete Angelina Calderan – Mestre - (UfSC)

Aos sonhos que se realizam.

Com amor, dedico esta pesquisa aos meus pais, por me oportunizarem sempre o melhor.

AGRADECIMENTOS

Início os agradecimentos, dedicando essa pesquisa às pessoas mais importantes de minha vida, meus pais, Carlos Rogério e Eliete, que cuidaram de mim sempre com muito amor e carinho, me ensinaram os valores da vida, me educando para ser o que sou hoje. Agradeço pelo incentivo ao estudo e por acreditarem em mim. Agradeço também ao meu irmão Juno, pelos momentos de alegria e companheirismo. Sinto orgulho de fazer parte dessa família, amo muito vocês!

Ao meu namorado Cássio, por compartilhar comigo momentos de imaginação, pelo incentivo, compreensão, amor e por estar sempre ao meu lado.

Aos meus familiares pelos momentos de felicidade, em especial meus avós, tio Carlinho, tia Mira e minhas lindas afilhadas Ana Beatriz e Mariana.

Às minhas amigas que embora estejam distantes no momento, sempre me incentivaram nessa caminhada, Bruna Bauer, Adriane Dornelles, Renata Magnus, Camila Fernandes e Renata Teixeira.

Agradeço a professora e orientadora Aurélia, pelas direções apontadas, por doces conversas e sábias palavras.

Aos seres imaginantes que participaram da oficina, pelos momentos de imaginação e criação artística.

Às minhas amigas e companheiras de artes, Pauline, pelas conversas, performances e carinho, e Kamilla pelos conselhos, por trocas de experiência e por ser minha irmã de imaginação.

Ao curso de Artes Visuais, estendendo-me a todos os professores deste percurso acadêmico que contribuíram para minha formação, em especial Edite, Marcelo, Odete, Angélica, Édina, Marlene, Sila, Cris e Lenita.

Deus por ter proporcionado que pessoas maravilhosas fizessem parte da minha vida.

Enfim, agradeço a todos que acreditaram na minha capacidade e que contribuíram para que eu estivesse aqui hoje!

Muito Obrigada!

“Todavia, os nossos poderes de pensamento abrangem tanto o visível como o invisível.”

René Magritte

RESUMO

A pesquisa que deu forma ao meu Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvida com adolescentes do Ensino Médio. Que participaram de uma oficina sobre a imaginação e o ato de criar e foi construída a partir de diálogos com meus parceiros de pesquisa e eu, juntamente com teóricos, que refletem sobre a ação do imaginário e a ação criativa do sujeito, tais como: Vigotsky, Ostrower e Salles. No decorrer desta pesquisa poderemos observar e sentir como ela aconteceu, através de histórias e produções artísticas, visando investigar e analisar quais os caminhos que a imaginação percorre para a criação em arte. Tendo como problema central de pesquisa: Quais os caminhos que a imaginação percorre para a criação em arte?

Palavras-chave: Imaginação. Processo de Criação. Arte. Linguagens Artísticas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Produção artística de <i>Craquem</i>	31
Figura 2 - Produção artística de <i>Gummy Bear</i>	32
Figura 3 - Produção artística de <i>Swan</i>	35
Figura 4 - Produção artística de <i>Percorrido</i>	36
Figura 5 - Esboço de <i>Percorrido</i>	37
Figura 6 - Produção artística de <i>Craquem</i>	38
Figura 7 - Produção artística de <i>Gummy Bear</i>	40
Figura 8 - Produções de <i>Gummy Bear</i> e <i>Craquem</i>	41
Figura 9 - Produção artística de <i>Meu Chapa</i>	43
Figura 10 - Produção artística de <i>Churupito</i>	46
Figura 11 - Produção artística de <i>Pucca</i>	48
Figura 12 - Produção artística de <i>Gummy Bear</i>	49
Figura 13 - Produção artística de <i>Jack</i>	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCSC	Proposta Curricular de Santa Catarina
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO: A história começa assim.....	11
2 - CAPÍTULO I: Seguindo as pegadas da imaginação para o ato de criar.....	14
3 - CAPÍTULO II: A produção artística em artes visuais.....	21
3.1 - Caminhando pelo ensino da arte com adolescentes	23
4 - CAPÍTULO III: Construindo caminhos até as conversas do imaginário.....	27
4.1 - Primeiro momento: Escolhendo o nome de ser imaginante	30
4.2 - Segundo momento: Atravessando o portal para o mundo imaginário	33
4.3 - Terceiro momento: Ambiente escolar e fantasias, pode isso?.....	44
5 – CAPÍTULO IV: POR ONDE ANDEI E POR ONDE PRETENDO VOAR	55
6 - REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE(S)	59
APÊNDICE A – Autorização dos participantes para o uso das falas, produções e imagens.....	60
APÊNDICE B – Carta de apresentação e autorização à escola Estadual João dos Santos Areão.....	61
APÊNDICE C – Cartaz de divulgação da oficina.....	62

1 - INTRODUÇÃO

A história começa assim:

Lembro-me muito bem, que quando pequena ficava horas imaginando um mundo de fantasias, onde eu poderia mudar as cores da natureza e criar tudo o que a minha imaginação ousasse inventar. Conversava com os objetos e discutia assuntos sérios com amigos que só eu tinha o poder de enxergar. Preocupava-me nos dias de inverno, e acordava no meio da noite para cobrir meus ursinhos de pelúcia, que tomavam a maior parte da minha cama. “Se esse mundo fosse só meu, tudo nele seria diferente... Nada era o que é, porque tudo era o que não é... E também por sua vez não seria, e o que fosse, seria... Não é?” As belas e confusas palavras de Lewis Carrol, no filme *Alice nos Países das Maravilhas*,¹ talvez pudessem descrever como eu pensava. Na verdade ainda penso assim, e escolho caminhos que me levem a lugares inventivos, o criar, o imaginar, o inovar, o flutuar e o recriar são meus companheiros nessa longa caminhada.

O curso técnico de Moda e Estilismo foi um dos primeiros passos que me oportunizaram a estudar sobre o ato de criar. Imaginação, lápis, papel e cores andavam de mãos dadas comigo, eu flutuava imaginando e logo já rabiscava os esboços de minha invenção. Sentia ganhar vida, quando meus desenhos se transformavam em peças com texturas, cheiros e movimento. Não demorou muito para me encontrar com a poética das artes, onde outras linguagens também puderam transitar nesse caminho de criações. Pintura, fotografia, escultura, instalações, performance, teatro e tantas outras fizeram me apaixonar por esse mundo da arte. E é nessa parte da história que passo a compreender o significado maravilhoso que o ensino de arte traz para as pessoas, principalmente aos estudantes, que são curiosos e estão em fase de construção de conceitos.

Acredito que para que os estudantes tenham uma aprendizagem significativa o ensino da arte por meio das diferentes linguagens é fundamental. É com elas que terão possibilidades de vivenciar experiências estéticas diversas.

Foi com esse olhar que escolhi como tema para realizar os meus estágios

¹ ALICE no país das maravilhas. (*Alice in Wonderland*). Direção de Walt Disney. EUA, 1951.

obrigatórios I e II, do curso de Artes Visuais Licenciatura, as diferentes linguagens da arte. E a partir de minha experiência nesses estágios que surgiu a curiosidade em saber de que maneira acontece o ato de imaginar? Que caminhos a imaginação percorre para poder criar e produzir em diferentes linguagens da arte? Como propor o aguçamento da imaginação dos jovens para a criação/produção em diferentes linguagens artísticas? Os jovens alunos do Ensino Médio sentem-se seres imagéticos, capazes de usufruir desse ato para a criação? Há satisfação entre o que eles imaginam e o que se transforma em criação/produção artística? E será que existem diferentes possibilidades de se imaginar para criar em diferentes linguagens?

É a partir dessas interrogações que trago minha pesquisa de conclusão de curso que tem como problema central: quais os caminhos percorridos pela imaginação dos adolescentes do Ensino Médio, na produção artística em diferentes linguagens? E buscando responder a este questionamento tenho como objetivo geral investigar e analisar os caminhos percorridos pela imaginação dos adolescentes do Ensino Médio em seus processos de criação/produção artística em diferentes linguagens.

Penso ser importante buscar compreender a capacidade imagética dos adolescentes na contemporaneidade, assim como buscar compreender o mecanismo de seu ato de criação não esquecendo o quanto e como são influenciados pelo tempo e pelo ambiente em que vivem. Sabendo que os adolescentes percebem o mundo de diversas maneiras, creio ser indispensável analisar o ato imaginativo em diferentes linguagens artísticas. Desta forma, os estudantes poderão refletir sobre sua realidade, pensando de que forma são provocados a imaginar e se realmente dedicam um espaço a essa ação imaginante.

Para me fundamentar nessa pesquisa, procuro dialogar com teóricos que refletem sobre a ação do imaginário e a ação criativa do sujeito, tais como: Lev Vigotsky (2009) Fayga Ostrower (1995, 2003), Cecília Almeida Salles (2011), e outros. O filme “Meu mundo Encantado²” do diretor Michel Ladon Jr., me inspira muito nessa caminhada sobre a imaginação. No filme o menino tem o poder de

² MEU mundo encantado. Direção de Michael Landon Jr. Roteirista: Cindy Kelley. 2010

imaginar os brinquedos com vida, e ele imagina um mundo repleto de alegrias imaginárias.

O trabalho foi estruturado em quatro partes: No primeiro capítulo: *Seguindo as pegadas da imaginação para o ato de criar*, apresento um diálogo com diferentes teóricos, que contribuem para pensar sobre a imaginação e o ato de criar. No segundo capítulo: *A produção artística em Artes Visuais*, trago olhares para o ensino da arte, e sobre a educação de alunos do Ensino Médio. No terceiro capítulo: *Construindo caminhos até as conversas do imaginário*, apresento as questões metodológicas da pesquisa e a experiência da oficina, entrelaçando conversas com as produções dos participantes e teóricos que fundamentam as aberturas imaginativas para a criação. E o quarto e último capítulo chamado de *Por onde andei e por onde pretendo voar*, apresenta as minhas considerações.

Espero com essa pesquisa contribuir para um pensar mais significativo sobre a imaginação no cotidiano das pessoas, assim como contribuir para um novo olhar sobre como criamos e produzimos. Ainda acredito que esse pensar significativo sobre a imaginação, alcance as escolas, por meio de seus professores de arte e consequentemente os alunos de todas as idades.

2 - CAPÍTULO I

Seguindo as pegadas da imaginação para o ato de criar

Apresento aqui o tema central de minha pesquisa, imaginação, a partir de Vigotsky (2009) e seus princípios norteadores, a memória e a imaginação, relacionados à atividade criadora. O primeiro princípio é a memória, também chamado de reconstituítor ou reprodutivo, ele consiste em reproduzir/repetir situações já criadas, mesmo que com intensidades diferentes de experiências já vivenciadas. Ou seja, não criamos nada de novo, apenas assimilamos e elaboramos, com base na repetição daquilo que já conhecemos.

Outro princípio é o da atividade criadora ou combinatória, esta não se baseia em experiências vivenciadas, situações já vistas ou algo semelhante. “Apesar disso, posso ter a minha ideia, a minha imagem, o meu quadro” (VIGOTSKY, 2009, p.13). Dessa forma, podemos combinar e reelaborar, de forma criadora, elementos de vivências passadas. E é exatamente essa atividade de criação, que torna o ser humano capaz de pensar no futuro construindo e modificando-o. Como se em nossa cabeça houvesse uma caixinha, e dentro dela estão todas as nossas memórias, e a partir daí somos provocados a imaginar algo, retiramos da caixinha alguns elementos que condizem com a proposta. Podemos trocar esses elementos e formar outras combinações, partindo desse ato, estamos criando.

Segundo Egan (2007, p.11) a maioria das pessoas é a favor da imaginação, ao menos as pessoas ligadas à educação deveriam ter essa qualidade, pois vivenciam no dia-a-dia imaginações e criações. Partindo desse pressuposto, o autor faz um apanhado de razões pela qual a imaginação é importante para a educação. Sendo para construir propostas e espaços que estimulem a imaginação dos alunos, quanto para nos surpreender sobre a concepção de imaginação. O autor ainda nos conta, que podemos refletir sobre como olhamos para imaginação, que cada pessoa tem um próprio conceito do que possa ser. E que a imaginação tem um papel significativo no currículo escolar. “A imaginação se encontra como que no ponto crucial onde a percepção, a memória, a geração de ideias, a emoção, a metáfora e, sem dúvidas, outros aspectos de nossa vida se cruzam e interagem.”

(EGAN, 2007, p.13). Fazendo-nos perceber que o autor também acredita na *caixinha de memórias*, onde temos a possibilidade de perceber as imagens, mudá-las, combiná-las, transformá-las e percebê-las novamente. Tornando-se assim, um ato de pensamento autêntico, uma verdadeira espontaneidade criadora.

Vigotsky acredita que a imaginação é a base para toda atividade criadora, manifestando-se culturalmente, cientificamente e tecnicamente. Para ele “[...] necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana, que nela se baseia.” (VIGOTSKY, 2009, p.10) Sendo uma grande criação histórica, imaginado por um gênio ou simplesmente algo novo, fruto da imaginação de um indivíduo qualquer. E não importando o tamanho da invenção, todas elas têm origem do processo criador do ser humano. Nesse sentido, podemos perceber que a atividade criadora acontece desde a infância, principalmente nas brincadeiras. As crianças reproduzem muito do que elas já viram, imitando vivências, porém, elas ultrapassam essa reprodução, reelaborando criativamente, construindo uma nova realidade, a partir de seus desejos e necessidades. “O desejo que a criança tem de fantasiar é reflexo de sua atividade imaginativa”. (HONORATO, 2007, p.52)

Como acontecem as combinações para a atividade criadora? Vigotsky estabelece quatro formas principais para relacionar a atividade imaginativa com a realidade. A primeira é de que a fantasia é construída a partir de elementos da realidade, presentes em experiências anteriores.

A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque esta experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica seja a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. Eis por que a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, o que se explica pela maior pobreza de sua experiência. (VIGOTSKI, 2009. p. 22)

Através desse viés podemos dizer, que com o passar dos anos nossa capacidade criadora e imaginativa vai aumentando, pois conseguimos armazenar novas informações na nossa memória. Observando e relacionando com a educação, percebemos que há diferença entre a imaginação das crianças da Educação Infantil, para com os alunos do Ensino Médio. Acredita-se que esse fato acontece porque os adolescentes têm uma maior diversidade de experiências, comparado a das

crianças. Fayga Ostrower (1995, p. 6) enfatiza que “é preciso viver para poder criar”, é a partir dos encontros da vida, de experiências vivenciadas, de acasos e conquistas que poderemos conhecer nosso “potencial criador” (p. 9).

A segunda forma de relacionar a imaginação e a realidade é aquela que permite ao homem imaginar algo jamais visto por ele. Isso acontece através da nossa capacidade de criar novas combinações, relacionando elementos já conhecidos de experiências históricas ou sociais alheias. Nesse caso a experiência apoia-se na imaginação.

Na terceira forma de relacionar a imaginação e a realidade, nos deparamos com uma forma de caráter emocional. Trata-se do modo como a imaginação e a realidade se relacionam por meio da emoção. Aqui toda emoção, todo sentimento tende a manifestar-se em certas imagens correspondentes a esse sentimento. Essas imagens estão ligadas ao estado emocional vivido naquele momento. Podemos dizer que os sentimentos influenciam na imaginação, esse fenômeno é chamado pelos psicólogos, segundo Vigotsky (2009, p. 26), como “lei do signo emocional comum”. Isto significa dizer que todo sentimento que causa um efeito emocional comum entre si, tende a se unir em torno de alguma imagem. “As pessoas aprenderam a expressar externamente seus estados internos, as imagens da fantasia servem de expressão interna dos nossos sentimentos” (VIGOTSKY, 2009, p. 26). Percebemos que os sentimentos influenciam a imaginação, mas essa ação é recíproca, pois a imaginação também influencia os sentimentos. O autor supracitado menciona isso, quando fala da *lei da realidade emocional* da imaginação, onde todas as formas da imaginação criativa, contêm em si elementos efetivos. Mesmo que uma vivência seja fantasiosa, o sentimento que ela nos remete é de realidade. Como por exemplo, quando imaginamos através de uma poesia uma situação assustadora, a imagem não é real, mas o sentimento de medo provocado por ela é verdadeiro. Podemos dizer então, que o enlace emocional é o nível mais subjetivo da imaginação.

Segundo Vigotsky (2009) a quarta e última forma de vinculação entre a imaginação e a realidade, tem como essência que a construção da fantasia pode ser algo completamente novo, que nunca tenha acontecido na experiência de uma pessoa. Porém ao ser inserido no mundo real, ela se cristaliza em novidade, e passa a fazer parte do mundo real influenciando o universo que nos cerca. Assim os elementos que entram na composição da imaginação são tomados de realidade e

sofrem uma complexa reelaboração, transformando-se em produtos da imaginação. Finalmente eles se materializam, retornam a realidade, trazendo uma força ativa, capaz de modificar a mesma realidade. E assim se completa o círculo da atividade criadora da imaginação humana.

Para que possamos entender melhor sobre a imaginação de jovens criativos, que inventam, reinventam e transformam, devemos levar em consideração seus processos de criação. Segundo Ostrower (2003, p.5) “consideramos a criatividade um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades.” Ou seja, o ato de criação, a criatividade age de forma integrada na vida. Acredito que esse ato esteja presente em muitas atividades humanas, não somente na área artística. Podendo ser na escolha de formas, cores e linhas que possibilitem expressividade. Ou no dia-a-dia quando se inova em um corte de cabelo, se monta o *look*³ para sair, quando uma nova tecnologia é desenvolvida, quando se cria uma solução para resolver determinado problema. Realizando essas ações sempre de forma a contribuir em sua individualidade, tendo a possibilidade de buscar uma identidade.

Criar é basicamente formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse ‘novo’, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWER, 2003, p.9).

Ainda segundo a autora supracitada, o ser humano sempre foi mais do que o homem que faz “homo faber”, o “homem é um ser formador” (p.9). Sendo este capaz de relacionar muitas coisas que acontecem ao seu redor e propriamente dentro de si. E mais do que estabelecer relações entre esses eventos, temos a capacidade de significar, de atribuir um significado a eles. Quando agimos, sonhamos, imaginamos, tomamos uma atitude, sempre estamos relacionando e formando. Um ato simples como andar pela rua é repleto de formas. Observamos as pessoas, os animais e as casas, notamos a temperatura do dia, suas cores, os cheiros e os sons. Lembramos de outros momentos, de tarefas a fazer, de coisas que esquecemos de realizar e tudo isso são formas em que as coisas se ordenam

³ Palavra inglesa que se refere a imagem exterior de algo ou alguém.

para nós. Desses vários estímulos que recebemos, conseguimos relacionar alguns e os percebemos dentro dessa relação que acabam se tornando ordenações. E é dentro dessas ordenações e dos significados que damos a elas, que mora a motivação de criar.

Salles (2011, p. 22) acredita que na mente humana exista uma espécie de labirinto. Onde o objetivo não é encontrar a saída, mas sim, encantar-se com as possibilidades de caminhos a seguir. O mágico da história é ir seguindo as pegadas deixadas pelos seres imaginantes, até encontrar sua criação artística. É dentro dessa magia, que reforço o problema central de minha pesquisa. Onde investigo: **Quais os caminhos percorridos pela imaginação dos adolescentes do Ensino Médio, na produção artística em diferentes linguagens?** Uma de nossas pistas nesta investigação é o processo de criação. Processo “por meio do qual algo que não existia antes, como tal, passa a existir, a partir de determinadas características que alguém vai lhe oferecendo. Um artefato artístico surge ao longo de um processo complexo de apropriações, transformações e ajustes.” (SALLES, 2011, p.23). Ao materializar suas apropriações, transformações e pensamentos imaginários, as pessoas vão deixando rastros. Como em uma ideia de registro do processo criador, ao qual a autora denomina de *documentos de processo*. Esses registros que acompanham o movimento da produção artística podem desempenhar duas grandes funções ao longo do processo criador, o armazenamento e a experimentação.

Podemos armazenar de diversas maneiras as informações, que irão nos nutrir e auxiliar durante o processo de criação. O que é guardado e como é registrado não tem uma fórmula, pode mudar de pessoa para pessoa, ou até mesmo de um processo para outro. Outra função desempenhada é a de registro de experimentação, essa deixa transparecer a natureza que induz à criação. Nesse momento concretizamos possibilidades e testamos hipóteses. Segundo Salles (2011, p.27) “encontramos experimentação em rascunhos, estudos, croquis, plantas, esboços, roteiros, maquetes, copiões, projetos, ensaios, contatos, story-boards.” Assim como em diários, agendas, anotações e cadernos de artista. Ao entrar em contato com esse material, estamos abrindo a porta e assistindo a intimidade da criação artística. A partir desses documentos de processo, temos a possibilidade de estudarmos o fazer criador.

A criação artística não tem uma fórmula, uma receita, ou alguma espécie de manual que se bem respeitado, irá resultar em uma grande obra de arte. Muito

menos se pode estabelecer um roteiro de criação, onde esteja implícita uma proposta de ordem, ou uma cronologia para a criação em arte. Podemos sim apresentar alguns aspectos, partindo de observações envolvidas em processos criadores. De acordo com Salles (2011, p.315) “partindo de uma teoria geral, conhecemos melhor aquilo que é específico. Pode-se assim chegar com maior fôlego interpretativo tanto à singularidade de cada cientista ou artista, como à especificidade de cada linguagem.” O movimento da criação se mostra como em um emaranhado de ações, que com um olhar aprofundado, ao longo do tempo nos permitem transparecer algumas repetições significativas. É a partir dessas repetições, que se podem estabelecer relações de uma forma mais generalizada, sobre o ato de criar. Mostrando-se um caminho de uma teorização, não como modelos exatos e fixos, que estabeleçam verdades absolutas. Mas com a pretensão de que, podemos ampliar as possibilidades de pensar sobre o processo criativo.

Muitos artistas descrevem a criação como um percurso do caos ao cosmos. Um acúmulo de ideias, planos e possibilidades que vão sendo selecionados e combinados. As combinações são, por sua vez, testadas e assim opções são feitas e um objeto com organização própria vai surgindo. O objeto artístico é construído desse anseio por uma forma de organização. (SALLES, 2011, p. 41)

O trabalho de criação é, portanto, como uma complexa caminhada repleta de metamorfoses, onde se pode misturar infinitas ideias e então algo passa a existir. Nesse processo há possibilidades de envolver seleções, apropriações e combinações, e a partir delas gerar transformações envolvendo nossa imaginação e o próprio potencial criador. De acordo com Martins (1998, p.54), no processo de produção, o artista mergulha de cabeça nesse caos criador. E é na intensidade desse mergulho que existem conflitos entre o impulso para criar e a forma que ele deseja. Entre o que parece ser e o que pretendia parecer, entre o sentimento gerado no pensamento e o que a forma passa a significar depois de produzida.

Motor, o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas. [...] Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é acelerador que imprime a velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos. (SILVA, 2006, p.12 apud VALENTIM, 2012)

Assim, como artistas e escritores se preocupam com o processo de criação, nós professores de arte, também temos um olhar sobre a imaginação que se transforma em criação artística. Conhecer o processo de criação dos estudantes, seguir seus pensamentos através de rastros imaginantes. Dar importância a rascunhos, a primeiros passos e esboços, talvez possam nos ajudar a ter um olhar mais sensível sobre ato criador dos alunos.

3 - CAPÍTULO II

A Produção Artística em Artes Visuais

Buoro (2003, p.33) acredita que a arte na educação tem como finalidade propiciar uma relação consciente do ser humano no mundo, contribuindo assim em sua formação como sujeito mais crítico e criativo, possibilitando uma atuação de ser transformador da sociedade futuramente. Nas aulas de arte, o aluno pode encontrar meios para se expressar, manifestar seus desejos, expor sua personalidade expressando seus sentimentos. Claro que esse mesmo aluno pode se sentir a vontade para se manifestar em outras disciplinas, mas é nas aulas de artes em que encontramos uma maior liberdade de expressão pessoal. “livre de julgamentos, seu subconsciente encontra espaço para se conhecer, relacionar, crescer dentro de um contexto que antecede e norteia sua conduta” (BUORO, 2003, p.33). Contribuindo para o desenvolvimento da expressão desses sujeitos, o professor amplia e desenvolve a imaginação criadora e aguça a percepção. A autora defende que o educador deve favorecer alguns caminhos para resgatar a criança inventiva que existe em cada um de nós. Como o autoconhecimento, a capacidade de enfrentar desafios, a autoconfiança e a imaginação criadora. Mas para que isso aconteça, o professor deve desenvolver práticas significativas com os alunos, onde eles possam se apropriar e construir conceitos e sentidos.

As imagens que estão na caixinha do imaginário do professor dialogam, nas aulas de arte com as imagens dos alunos. Mesmo não sendo de uma forma tão aparente. Podemos propor possibilidades de alimentar o processo criativo dos educandos, assim como os mesmos nos alimentam de ideias. Como diz Manoel de Barros⁴, é matéria de poesia.

De acordo com Maura (2010, p.38) os professores de arte, precisam compreender o conteúdo de cada atividade proposta e estabelecer relações que apontem um aprendizado significativo. Eles ainda devem compreender que haja relações entre essas atividades e que sejam organizadas em uma sequência, para

⁴ Segundo o site da Fundação Manoel de Barros, disponível em < <http://www.fmb.org.br/index.php?idp=3> > Acesso em: outubro de 2012. Manoel de Barros, nascido em Cuiabá, é o mais aclamado poeta brasileiro na contemporaneidade.

que as propostas além de significativas, contribuam para abrir espaços para o imaginário, tendo experiências com a criação e produção artística, ampliando seu repertório artístico-cultural. Deste modo, as vivências com atividades desconexas devem ser evitadas, pois os alunos não conseguirão assimilar conteúdos e tão pouco a atividade se tornará significativa. Maura (2010, p.38) apelida essas atividades de “atividades pílulas”, pois geralmente são aplicadas para preencherem um cronograma ou simplesmente por serem interessantes. Essas atividades só farão algum efeito positivo se forem contextualizadas. As doces palavras de Martins (1998, p.129) nos apontam caminhos para uma aprendizagem significativa em arte.

A magia, gerada na alquimia da intuição, do olhar cuidadoso para cada aprendiz, no saber fazer, se revela na criação de situações de aprendizagem significativa. Para construir esses momentos o educador terá de ser guloso em seu desejo de ensinar, paciente na oferta e na espera de quem acredita e confia no outro e amoroso no compartilhar de saberes. Como um pesquisador, ele ensina ensinando, pensando sobre ensinar. E assim, também se aprende.

É nessa troca de aprendizagem, que o professor deve provocar os alunos para um pensar sobre arte, para o que eles irão criar, e para o que já inventaram. Fazendo uma articulação em alguns campos conceituais, como: a percepção/análise, a criação/produção e o conhecimento de produções em arte, compreendendo os significados histórico-culturais. Esses campos estão presentes nos PCN (BRASIL, 2001) onde são denominados de fruição, produção e reflexão. Vale a pena lembrar, que cada escola tem uma realidade, e que é possível refletir mais sobre educação à medida que os educandos passam a ter consciência do seu papel como alguém que interpreta a própria cultura. Por isso Richter (2003, p.28) defende que

Os(as) educadores(as) devem criar ambientes de aprendizagem que promovam a alfabetização cultural de seus(suas) alunos(as) em diferentes códigos culturais, a compreensão da existência de processos culturais comuns às culturas, e a identificação do contexto cultural em que a escola e a família estão imersas. [...] a escola, como instituição formal, deve também desenvolver capacidades específicas, voltadas para a atuação na sociedade em que o(a) estudante está, vive e à qual pertence.

Richter (2003, p.43) nos apresenta a teoria de June McFee perception-delineation theory⁵, que é baseada em uma visão sociológica e antropológica do ensino das artes visuais. De acordo com essa teoria a percepção pode mudar dependendo do contexto cultural do aluno, pois a cultura influencia a direção das percepções. Dando ao aluno mais oportunidades e recompensas, ao observar aquilo que é importante para o seu grupo, do que por observar as coisas que não são enfatizadas pela cultura do mesmo. Partindo desse pressuposto, percebemos os interesses de adolescentes por uma série de coisas em comum, podemos citar esportes, músicas, filmes, entretenimentos, comidas, estilos de se vestir e de conversar.

Valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, falas, sons, personagens, instigar para que os aprendizes persigam ideias, respeitar o ritmo de cada um no despertar de suas imagens internas são aspectos que não podem ser esquecidos pelo ensinante de arte. Essas atitudes poderão abrir espaço para o imaginário. (MARTINS, 1998, p.118)

Acreditando que existe nos adolescentes um grande potencial criador, e provocando o imaginário para que as produções se tornem significativas, estamos valorizando a história, a reflexão de cada um, assim contribuindo na formação de identidades.

3.1 - Caminhando pelo ensino da Arte com adolescentes

O ensino da arte traz consigo propostas e provocações de experimentações, onde o aluno pode ter contato com diversas linguagens, com diferentes artistas e utilizando uma variedade de materiais. Construindo assim sua própria linguagem, o seu próprio fazer artístico. O ensino de arte traz a possibilidade de desenvolver a expressividade, seja brincando com os materiais, em uma aventura de criar o extraordinário ou de descobrir formas, cores e linhas em imagens, movimentos, filmes, obras de arte, vídeos e no meio em que vive.

⁵ Segundo Richter (2003, p. 43) é uma teoria baseada em perceber e delinear, ou seja, esboçar, traçar, descrever.

Desde a pré-história, os seres humanos produzem formas visuais, utilizando símbolos particulares constituídos socialmente para exprimirem mundos subjetivos e objetivos. Ao transporem suas visões, bagunçam o mundo natural através das diferentes modalidades que abarcam as artes visuais, como o desenho, a pintura, a escultura, a fotografia, a gravura, o vídeo, a instalação, a performance, etc. [...] Mesmo com todas as inovações tecnológicas a que temos acesso, não existe um substituto para a criação artística, assim como não há substituição para brincar e sorrir (CUNHA, 2006, p. 9)

Segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 1998, p.211) no Ensino Médio o aluno precisa adquirir conhecimentos mais amplos sobre produção artística vinculada a diferentes linguagens da arte. A LDB 9.394/96 traz no artigo 35º, “O ensino médio, etapa final da educação básica, [...] terá como finalidades: I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos.” Que nos deixa claro que, é nesse nível de educação em específico que os estudantes terão a possibilidade de aprofundar seus conhecimentos sobre arte e o fazer artístico. Mas para que isso aconteça, é necessário que os estudantes vivenciem variadas experiências e apropriem-se de saberes culturais e estéticos inseridos nas práticas de produção e apreciação artísticas. “Assim, a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber”. (MARTINS, 1998, p.13)

No Ensino Médio, se busca promover o desenvolvimento cultural e estético dos alunos com qualidade. Podendo favorecer no interesse por novas possibilidades de aprendizado, de percepções, de ações e até mesmo de trabalho com a arte ao longo da vida. Ao buscar sempre contribuir para as experimentações sensíveis e inventivas dos estudantes, desenvolve-se assim, identidades artísticas.

As produções artísticas são ficções reveladoras, criadas pelos sentidos, imaginação, percepção, sentimento, pensamento e a memória simbólica do ser humano. Este quando se debruça sobre seu universo interior e exterior, une a técnica, sua capacidade de operar os meios com sabedoria, com a poesia, sua capacidade de criação, desvelando verdades presentes na natureza e na vida que ficaram submersas sem sua presentificação. Desse modo o ser humano poetiza sua relação com o mundo. (MARTINS, 1998, p.24)

Sendo assim, o papel do ensino da Arte nas escolas, não é formar artistas, e sim sujeitos capazes de formar opiniões críticas e culturais, que tenham um olhar ampliado sobre a sensibilidade, a reflexão, a imaginação e a percepção. Conforme Silva (2006, p. 2) “A arte expressa o sentir, concretizando os sentimentos de uma forma que possam ser percebidos”. Conhecendo a arte de outras culturas, podemos nos tornar capazes de perceber a realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo formas e objetos que estão em nossa volta. Valorizando a nossa cultura e favorecendo a abertura para a riqueza e à diversidade da imaginação humana.

Desenvolvemos o gosto, respeito e o cuidado com a criação e produção artística, no momento em que começamos a experimentar a produção em arte. Utilizando a linguagem artística de maneira autoral e imaginativa. “Portanto, a arte abre espaços para que o aluno possa desenvolver sua imaginação, analisar a realidade e conhecer o meio em que está”. (SILVA, 2009, p. 56)

A proposta dessas experiências deve levar em consideração a realidade em que se encontra o aluno, onde fica sua escola, qual sua cultura, do que ele gosta de fazer e no que ele se inspira. Só assim os alunos poderão soltar sua imaginação e criar produções fantásticas. Trago os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, p. 19) que nos acrescentam ao mencionar que:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

Não podemos esquecer que vivemos em uma sociedade cercada de imagens, onde desde pequenos já estamos interagindo e sendo influenciados por elas, através de brinquedos, livros, tecnologias e multimeios. Aprendemos a produzir outras imagens, e é nesse ponto que começamos nossas primeiras produções. E com o passar do tempo, quando nos tornamos adolescentes, temos outro olhar sobre as imagens. Passamos a fragmentá-las, a observar os detalhes e a estudar o contexto das imagens, interpretando-as.

A escola traz um diferente significado para as imagens, buscando preparar os alunos para compreender e avaliar todo tipo de imagens, artísticas ou não, estáticas ou em movimento, na sala de aula e no cotidiano. Visando sensibilizar o

olhar dos alunos para as imagens. Possibilitando que o aluno possa ter um contato sensível, que possa observar e perceber atentamente aos detalhes, reconhecendo símbolos e sentidos, experimentando a fruição da imagem como forma de apreciação significativa. Segundo a PCSC (SANTA CATARINA, 1998, p.201) “Ao interpretar o objeto artístico o aluno se apropria do entendimento de vários elementos, desenvolvendo a sua percepção, imaginação, criatividade e ampliando o seu conhecimento”. Através desse olhar sensível, o estudante estará tornando mais rico o seu acervo de imagens, contribuindo para a capacidade criadora e para a imaginação.

O mundo imaginário está presente desde a infância dos adolescentes, talvez o problema esteja nos poucos espaços sociais destinados à criação, à fantasia e imaginação. “O imaginário não está fora da vida, não é uma entidade que paira acima do real, é uma capacidade de compor e recompor o real.” (BARBOSA, 2007, p.132) A imaginação, assim como os outros conhecimentos tanto sociais como os científicos, precisa ser alimentada para poder crescer. E é nesse ponto que devemos pensar nas possibilidades, no cotidiano da educação dos jovens, para ampliarmos, fornecendo elementos que contribuam para a imaginação, consequentemente para suas produções artísticas. Agindo dessa maneira e criando espaços para dar asas à imaginação, onde os alunos possam se manifestar, expor seus pensamentos imaginários e experimentem o ato de criar.

Com base nessa fundamentação, e por acreditar que é através da arte que temos maiores possibilidade de expressar a imaginação criadora, escolho duas linguagens da arte o desenho e a fotografia, e desenvolvo uma proposta de oficina que apresento no capítulo a seguir.

4 - METODOLOGIA E ANÁLISES

Construindo caminhos até as conversas do imaginário

Minha pesquisa é de cunho qualitativo, uma vez que busco investigar e analisar quais os caminhos percorridos pela imaginação dos adolescentes do Ensino Médio, na produção artística em diferentes linguagens. Na pesquisa de abordagem qualitativa o como é mais importante que o quanto, Minayo (1994, p. 21–22) ressalta que a mesma “[...] responde a questões muito particulares. [...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A presente pesquisa intitulada *Imaginação e linguagens da arte: provocando o processo criativo dos adolescentes*, se inscreve na linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura, que aborda seus estudos sobre imaginação e o ato de criar.

A pesquisa é uma investigação que parte de um olhar curioso e pretende esclarecer, ou apontar caminhos ao pesquisador. Na tentativa de desenhar caminhos para a pesquisa, esta se classifica como exploratória de natureza básica.

As discussões teóricas apresentadas assim como a pesquisa de campo partem do seguinte problema: quais os caminhos percorridos pela imaginação dos adolescentes do Ensino Médio, na produção artística em diferentes linguagens? De acordo com Minayo (2009, p. 16) “Toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta, por uma dúvida”.

Quanto aos procedimentos técnicos, a presente pesquisa é classificada por pesquisa de campo, que visa à procura de uma realidade específica. Em sua maior parte foi realizada por meio de observação direta das atividades exercidas pelo grupo estudado e por conversas informais em um espaço investigativo denominado espaço de narrativas, onde realizei a oficina intitulada “*Dando asas à criação artística*”.

Para Leite (2008, p.12) pode ser chamado de espaço de narrativas, quando se cria um espaço “de prazer, de ludicidade, de irreverência, de expressão e, nele e através dele, propor conversas, provocar situações, instigar questões...”

assim, vamos descortinando as falas, vamos retirando seus véus nebulosos,” e obtendo a possibilidade de conhecer os adolescentes em seus modos de ser e agir. “Favorecer um espaço de narrativa é compreender o papel do outro na construção de significados; é entender linguagem como” (LEITE, 2008, p.10) troca, seja de experiência, de conhecimento, de aprendizagem ou de ideias. De acordo com Honorato (2008, p.7) os espaços de narrativas são constituídos por narrativas da voz, do corpo e dos gestos. E eles são significativos quando se acredita na potencialidade da história de cada participante, podendo ser uma possibilidade de ressignificar e

ampliar olhares, escutas e movimentos sensíveis, despertar linguagens adormecidas, acionar esferas diferenciadas de conhecimento, mexer com corpo e alma, diluindo falsas dicotomias entre corpo e mente, ciência e arte, afetividade e cognição, realidade e fantasia (Ostetto & Leite 2004, apud HONORATO, 2008, p. 7).

Dessa maneira o espaço de narrativas proposto na oficina, é uma via de mão dupla, tendo espaços para troca, para fruir arte, para produzir e espaços para criar e imaginar. Cujas bases alicerçam-se sobre a “utilização imprevista, a espontaneidade, a imaginação criativa”, tal como propõe Egan apud Leite (2008, p. 11) para as atividades educativas.

A oficina foi lançada e aberta para inscrições no dia dois de outubro de 2012, e poderiam participar adolescentes do Ensino Médio da cidade de Santa Rosa do Sul. Os encontros aconteceram nos dias dezoito e vinte e três de outubro, com o objetivo de proporcionar experiências com produções artísticas e com o imaginário. Os quatorze participantes da oficina, são estudantes da turma do 1º ano 2, da Escola de Ensino Básico João dos Santos Areão. A oficina aconteceu no auditório da escola e teve como propósitos provocar ações imaginantes, estimular a imaginação criadora, possibilitar a descoberta de que todos são seres imaginantes, apresentar aos adolescentes o portal que os leva ao seu próprio mundo imaginário, provocar a criação de coisas grandes, assim como mostrar a eles que o meio escolar pode ser repleto de fantasias.

Esta pesquisa de campo teve como princípio ouvir e olhar para as criações dos adolescentes, para tanto me utilizei de observação e de registros com fotos e filmagens para coletar os dados. Precisei fazer um exercício de enxergar com o olhar do adolescente para poder entender de onde ele está falando, buscar

perceber em sua fala ou silêncio, nos seus gestos e movimentos as respostas para as questões que me inquietam.

A oficina foi organizada e desenvolvida em dois dias, separados em sequência de três momentos que relatarei em seguida em sua ordem. Expliquei como a oficina iria acontecer e em seguida tomei o cuidado de entregar a eles um documento de autorização, presente no apêndice A deste trabalho. Cada adolescente ficou responsável de levar a autorização aos pais, para que eles também permitissem o uso de imagens, falas e produções dos participantes da oficina. No primeiro encontro da oficina, organizei o auditório da escola, com mesas grandes em forma de “u”, para que os participantes se sentissem à vontade e pudessem produzir e dialogar de uma maneira mais informal, coloquei também duas mesas auxiliares, e disponibilizei ali diferentes materiais⁶ para as produções.

Iniciei me reapresentando ao grupo de estudantes, já conhecidos por mim. Tive o privilégio de conhecê-los através do estágio obrigatório III, do Curso de Artes Visuais Licenciatura, realizado no primeiro semestre de 2012. Então já tínhamos uma proximidade para conversarmos e trocar ideias. Expliquei a eles o porquê da oficina estar acontecendo com adolescentes, já mencionando a importância de cada participante. Agradei a presença de todos, e disse que eles iriam ser meus parceiros nessa pesquisa.

Esclareci aos adolescentes, que estaria utilizando para coletar os dados da pesquisa alguns instrumentos, que iriam facilitar no processo de escuta das suas vozes e de análise de suas imagens. Pois, um dos objetivos era registrar os movimentos do processo criador, assim como conversas e possíveis caminhos da imaginação. Dessa forma, para mim seria muito complicado registrar por escrito ou tentar lembrar tudo o que ocorreu de memória. Estão inclusos nesses instrumentos, duas câmeras fotográficas, um webcam e um gravador de voz. Percebendo o desconforto dos adolescentes com as câmeras ligadas, e com o fato de estarem sendo filmados, resolvi explicar que o objetivo, não é ver quem está bonito ou feio, muito menos flagrar alguma atitude incorreta em suas ações, e sim registrar suas falas para depois transcrevê-las e analisá-las sob as lentes de pesquisadora em arte, imaginação e educação. Mesmo assim, houve preocupação, às vezes ouvia *ei*,

⁶ Nesses materiais, estão inclusos, lápis de escrever, borracha, lápis de cor, canetas hidrocores, pantone, nanquim, giz de cera, giz pastel óleo, giz pastel seco, tinta acrílica, pincéis, cola, tesouras, papel ofício, papel colorido, canson tam. A4 e A3 e papéis recicláveis.

ela está filmando, como se quisessem dizer para o colega tomar cuidado com o que faz ou e com o que diz.

4.1 – Primeiro momento: Escolhendo o nome de ser imaginante

Para esse primeiro momento, disse que eles iriam se rerepresentar, mas de uma forma inusitada. Cada um poderia criar um nome próprio de *ser imaginante*, um nome diferente do que eles têm, um nome inovador, que eles gostariam de serem chamados. Os alunos participantes da oficina ficaram com muitas dúvidas, quanto à escolha do nome, achavam engraçada a criação do colega e a maioria ria com a própria escolha. Durante o processo de criação dos nomes, algumas perguntas foram aparecendo “Mas que nome? Qualquer nome?”, “Um nome normal? Ou tipo um nome secreto?”, “Mas um nome pequeno ou grande?” Podemos perceber, que os adolescentes ficaram preocupados em acertar a proposta, como se a escolha do nome tivesse uma resposta certa. O que nos mostra, que eles ainda estão presos ao que o professor deseja.

Fui surpreendida quando começaram a criar outras coisas além do nome, uma espécie de logo, onde o nome desenhado na folha tinha uma personalidade individual. Logo após as criações, os alunos se rerepresentaram aos colegas, dizendo o nome que acabara de criar sua idade e porque a escolha desse nome.

Esse momento foi importante, estabelecemos uma conversa inicial, os participantes ligaram o motor do imaginário, desenvolveram criações e souberam respeitar as diferenças.

Início a apresentação dos seres imaginantes participantes da oficina “Dando asas à criação artística”, pelos seus nomes e idades: Meu Chapa (18), Gabreu (14), Amy (15), Churupito (15), Swan (14), Linse (15), Chocotona (15), Noturno (16), Percorrido (15), Pucca (15), Craquem (15), Gummy Bear (16), Jack (16) e Nescau (14).

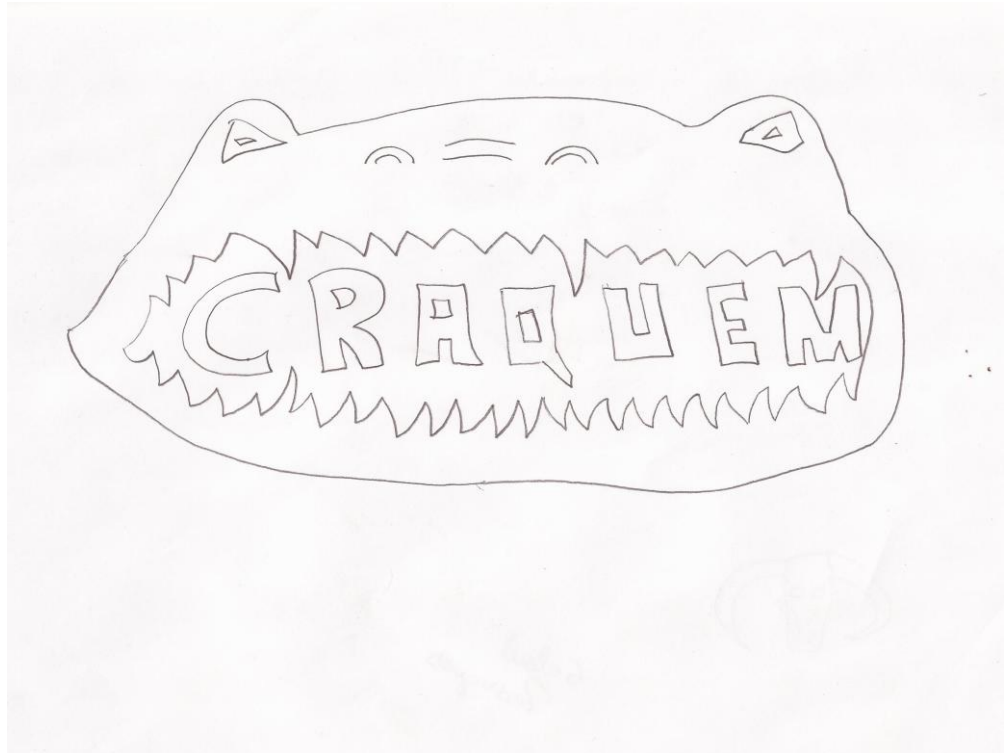


Figura 1 - Produção artística de *Craquem*

Fonte da pesquisadora

_ *Craquem*, porque é o nome de um monstro, e eu sou fissurado em monstros. Diz o adolescente quando pergunto o porquê da escolha do nome. Podemos perceber que ele cria um próprio monstro para dizer que nome ele gostaria de ter. A influência de personagens é muito forte, e talvez esse mundo imaginário que habite sua mente, seja repleto de seres assim, com bocas enormes, olhos atentos e com formas inusitadas.



Figura 2 - Produção artística de *Gummy Bear*

Fonte da pesquisadora

_ Meu nome é Gummy Bear, porque eu tirei da música aqui do meu celular. É um bonequinho da música, passa na TV, ele é verdinho e fala gummy.

Percebe-se nessa produção a influência da mídia diretamente na escolha do nome. O interessante é que ele se inspira no personagem da música, e cria para cada letra do nome um novo personagem, revelando seus próprios traços. Posso ver chapéus, garras, cavanhaque, rabos e topetes, quem diria que um nome poderia ter tantos acessórios? Brincando com a criação, cantarolando enquanto desenha, *Gummy Bear* faz o processo de criação se tornar divertido.

Durante as apresentações dos nomes, é notório que a maioria dos adolescentes se inspira em coisas que gosta, sejam filmes, música, séries, desenhos, personagens e comidas. Eles trazem referências de suas vivências, fatos significativos que acontecem no cotidiano. É mais fácil dar nome para os outros do que pra gente. Nessa fala, a adolescente revela que eles ainda não se conhecem como um todo, que estão em fase de construção de uma identidade, e que o fato de perceber o outro acaba se tornando mais fácil, do que perceber a si mesmo. Na adolescência, o corpo muda, os gostos se modificam, as opiniões se formam, as

preferências tendem a se agrupar, e a personalidade juntamente com a identidade acaba entrando em metamorfoses frequentes.

Todos os nomes criados são reflexos dos elementos pertencentes à caixinha do imaginário que cada um possui. A fim de ampliar seus repertórios e sensibilizá-los com um momento de fruição e poesia, apresento o segundo momento da oficina.

4.2 – Segundo momento: Atravessando o portal para o mundo imaginário

Nesse momento, convidei os alunos para assistirem a um pequeno trecho do filme “Meu Mundo Encantado” do diretor Michel Ladon Jr. O filme é baseado em um dos livros infantis mais vendidos no mundo *The Velveteen Rabbit – Como os brinquedos se tornam reais*. Peço licença ao leitor para descrever essa bela história contada no filme.

No trecho apreciado pelos alunos a cena inicial acontece no sótão da casa da avó de Toby. Lá existem muitos brinquedos guardados, o menino anda pelo sótão com olhar atento e curioso, até que para sua surpresa, encontra uma caixa de presente deixada por sua mãe. Toby abre a caixa com cuidado e lá dentro estava um coelho de pelúcia, marrom com branco, olhos negros, nariz cor-de-rosa e um lindo laço azul no pescoço. O menino olha para o coelho com ternura e diz:

– Obrigado mãe, é perfeito. Olhe coelho está começando a nevar, eu adoro vê-la cair. Você gosta?

Ao ver esse trecho, lembro-me de minha infância, onde os brinquedos além de companheiros nas aventuras que criávamos, nos momentos significativos que aconteciam, também eram meus amigos. Creio que a amizade com brinquedos é algo presente na infância de muitas pessoas, que assim como eu também acreditam que os brinquedos têm sentimentos.

A próxima cena do filme mostra a avó e Toby indo à floricultura para comprar uma árvore de natal. Na frente da floricultura havia muitos meninos brincando de baseball, Toby observa com atenção, até que a bola é lançada para fora do campo, perto de Toby. Os meninos pendem então que Toby jogue a bola de volta, Toby inseguro arremessa a bola, mas ela não vai muito longe. Os meninos riem dele, dizem que ele é um frouxo, que parece uma garota. Toby fica muito triste volta chorando até chegar ao sótão. Lá encontra e abraça o coelho.

_ *Quer ser meu amigo coelho? Eu serei o seu.*

Nesse momento cai uma lágrima de Toby sobre o coelho, e algo mágico acontece, suas lágrimas transformaram o coelho de pelúcia em um alegre coelho de desenho animado. Toby se espanta ao ver o que acabara de acontecer, já o coelho fica maravilhado com as descobertas de seu próprio corpo.

_ *Ei, olá! Diz o Coelho muito alegre.*

_ *Você está vivo! E fala! Diz Toby admirado ao ver o Coelho bem de pertinho.*

_ *É acho que sim.*

_ *Mas você é só... um boneco,* e Toby encosta com a pontinha do dedo no Coelho que sente cócegas e ri. Nessa hora, acontece outro momento mágico, Toby também se transforma em desenho animado.

_ *O que está acontecendo? Eu só estava imaginado que você estivesse vivo, então...* Toby é interrompido pelo Coelho que fala encantado:

_ *Então você me imaginou com vida? Nossa, você é muito bom!* O menino fica pensativo e só agradece. Já o Coelho logo provoca e pergunta:

_ *Ei, o que mais você pode imaginar?*

O menino pensa rápido, tem uma ideia e faz força para imaginar. Em seguida, ouve-se um barulho, o baú onde o Coelho estava começa a tremer e uma árvore surge bem debaixo dos pés do Coelho, que faz ele alcançar o teto do sótão.

Imaginação que se transforma em realidade, um superpoder que todo ser imaginante consegue ter. Imaginar e criar, imaginar e sentir. Quem nunca imaginou que os brinquedos conversam e andam pela casa, enquanto estamos dormindo? Ou que as flores lá do jardim dançam durante a noite? E que os gatos e cachorros respondem a todas as nossas perguntas e que às vezes até nos contam histórias? Concordo com Bachelard (2001) apud Pessi (2011, p. 25), “que o encantamento e o prazer do imaginário não está no início e no fim, esta no trajeto, na história, no momento em que a imagem não é apenas uma imagem, ela passa a ter som, forma, gosto e cheiro.”

O Coelho sabendo que o menino poderia imaginar e criar muito mais, o provoca novamente dizendo:

_ *Agora imagine uma coisa bem grande, mas bem grande!*

Toby pensa, puxa as mangas do casaco para cima, se concentra e...

E nesse trecho paramos de assistir ao filme, o leitor ficou curioso em saber o que Toby criou? Imagine só as grandes coisas que os seres imaginantes

participantes da oficina conseguiram imaginar.



Figura 3 - Produção artística de Swan

Fonte da pesquisadora

— *Eu fiz um mar de recortes, porque o mar é grande, ele é enorme. Primeiro eu não pensei em nada, e depois eu pensei no mar.*

Swan faz uma bela produção artística do seu mar imaginário. Percebemos o seu envolvimento com a produção, durante o processo de criação, onde a adolescente, escolhe os papéis coloridos, os separa por cores, recorta, organiza-os novamente, e depois cola. Martins (1998, p. 56) menciona que durante a criação, se processa “sensíveis percepções e as organiza, compara, seleciona, sente e se emociona, pensa sobre elas e , quando as ordena na criação artística, através de um pensamento projetante, [...] E as desenvolve com uma intenção, ainda que inconsciente!” O pensamento projetante, é aquele que pensa no depois da produção pronta. Esse pensamento é acionado no instante que imaginamos como nossa

criação irá ser, quais formas, cores e materiais a serem utilizados e ainda o local de cada elemento. Conseguimos imaginar a produção quase pronta e às vezes até imagens acabadas se formam no nosso imaginário. Com o mar de *Swan* foi assim, demorou um pouco para vir à imagem de algo grande, em seguida um grande mar se forma em seu imaginário e este ganha cores, formas, sobreposições e se transforma em criação artística.

Já com *Percorrido*, o processo de criação foi diferente.

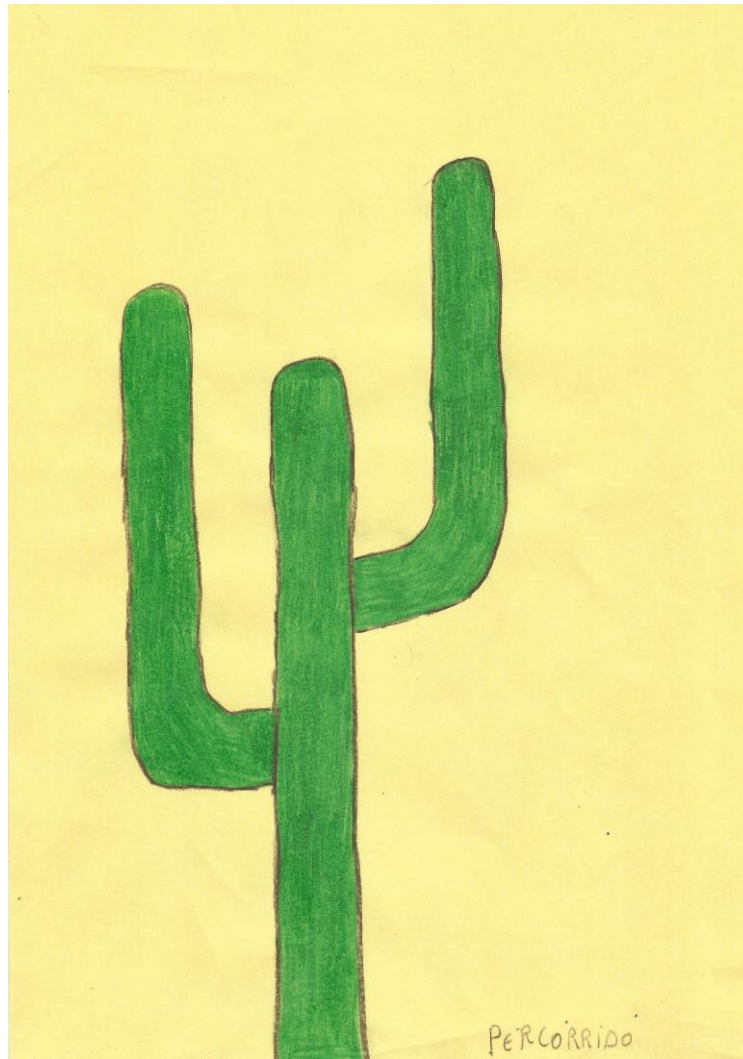


Figura 4 - Produção artística de *Percorrido*

Fonte da pesquisadora

_ Eu fiz um cacto desses do deserto. Eu pensei em uma ponte, mas foi só uma ideia, eu não pensei em fazer, só pensei na ponte, porque a ponte era muito difícil de

fazer, imagina eu até conseguia, mas desenhar não. Aí depois fiz um pato, eu imaginei ele, mas no desenho ficou muito feio.

Percorrido pensa em várias coisas grandes, que estão na caixinha do seu imaginário, antes de começar a produção artística. A primeira imagem que lhe vem à mente, é uma ponte bem grande. Segundo o adolescente ele pensou em uma ponte dessas que aparecem em filmes, que tem estruturas enormes de ferro com madeira, onde podem passar carros por cima e navios por baixo. No espaço de narrativas, ele me conta que não pensou em fazer a ponte, porque seria muito difícil de produzir, por ela ser repleta de detalhes. Muitos adolescentes preferem não tentar desenhar algo do seu imaginário, com medo de não conseguirem produzir fielmente a imagem que se forma em suas mentes. Eles evitam passar por situações que possam constranger, ou ser muito diferente dos colegas. Partindo disso, o motor da imaginação é acionado várias vezes, pois muitas imagens se formam para que uma seja escolhida, e enfim criada e produzida.

Percorrido recorreu novamente ao seu imaginário, e em um papel amarelo ele esboçou um pato com grafite, com riscos espontâneos fez o contorno do corpo e uma asa inacabada. Só pensou em fazer o cacto depois que viu o resultado do desenho do pato, ele disse que não gostou do desenho, que o pato ficou muito feio e diferente do que ele tinha imaginado. Fico imaginando, ou seria um pato gigante, ou o pato estava perto de algum inseto pequeno, como uma formiga ou uma joaninha.

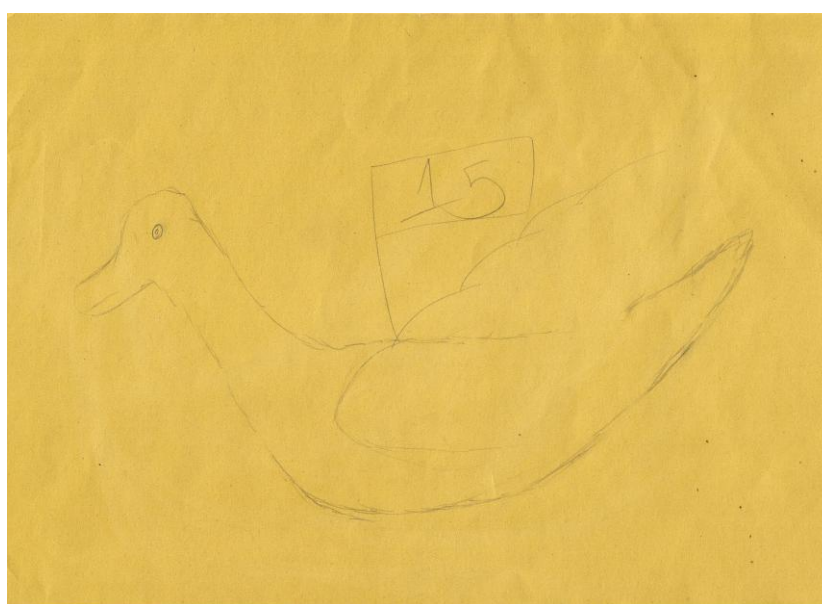


Figura 5 - Esboço de *Percorrido*

Fonte da pesquisadora

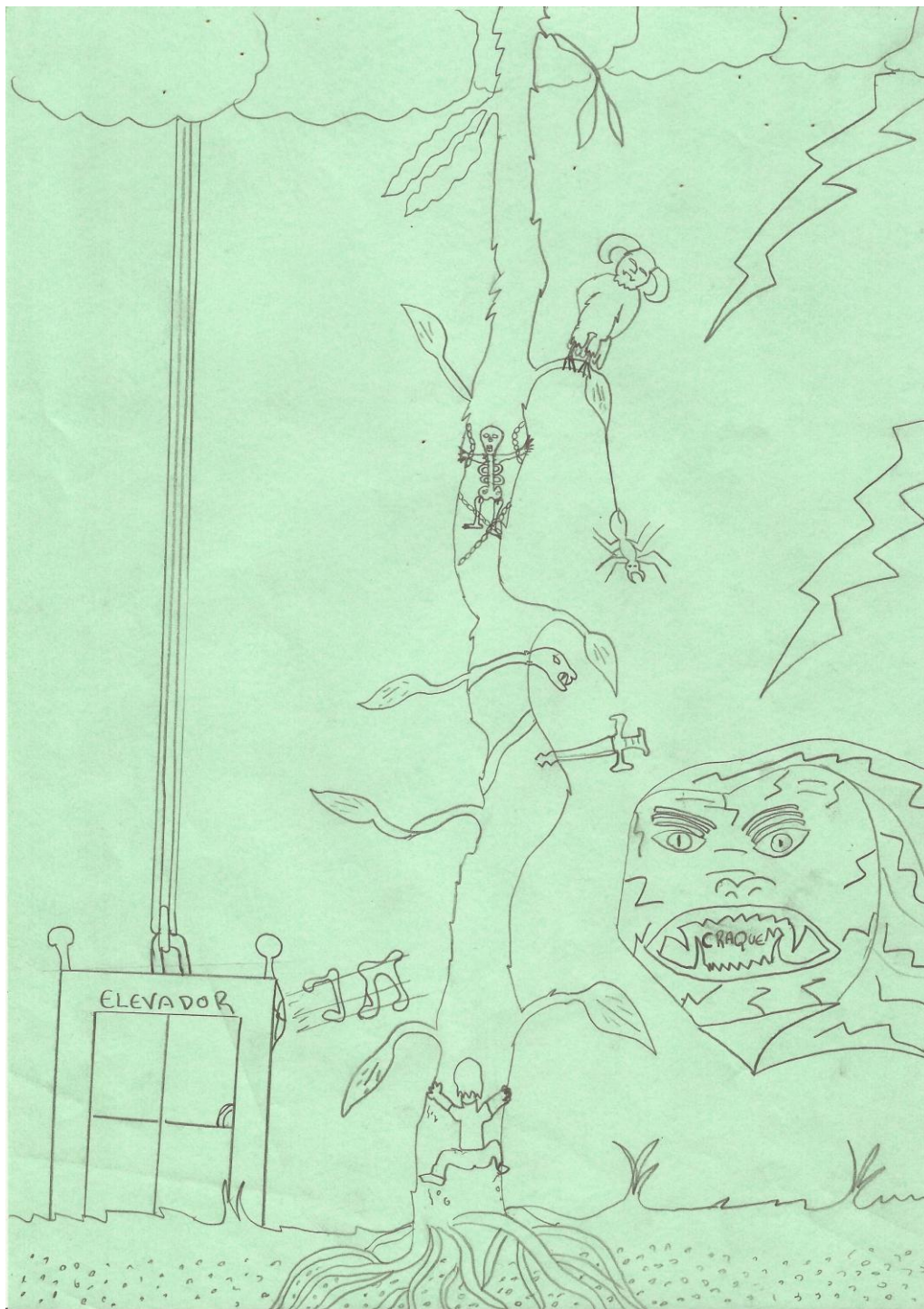


Figura 6 - Produção artística de Craquem

Fonte da pesquisadora

_ Bom, eu me inspirei no pé de feijão, aquele da história. E eu tava fazendo com a intensão de subir, aí o bonequinho como era muito burro, não viu que tinha um elevador ali do lado, e subiu pelo pé mesmo. Ali no caminho, tem um urubu, tem um

cara que morreu ali, tem uma cobra, aqui é o craquem (apontando para o monstro)... que eu até tentei desenha, só que não tem como, é muito difícil de desenha ele, ele é muito grande e cheio de detalhes, também não ia cabe na folha.

Nos deparamos com um ser dotado de imaginação fértil, onde um mundo inteiro é criado através do seu imaginário. Ele reúne diversos elementos que estão armazenados na sua caixa da imaginação, e faz o que Vigotsky (2009, p.22) explica na primeira das quatro formas de relacionar a imaginação com a realidade. Constrói a fantasia a partir de elementos da realidade, presentes em experiências anteriores. Deste modo, conseguimos perceber na produção artística de *Craquem*, que ele percebe as imagens, as armazena, faz combinações, transforma-as e percebe-as novamente.

De acordo com Bachelard (2001) apud Pessi (2011, p.44) “uma imagem estável corta as asas da imaginação, logo a imaginação não cria apenas uma imagem, ela cria ambientes.”

Por falar em ambientes, algo muito interessante aconteceu durante o processo de criação das produções de *Craquem* e *Gummy Bear*. Vamos acompanhar a conversa desses adolescentes.

_ *Uma coisa grande... (pensa em voz alta) que que tu vai fazer?* Pergunta *Gummy Bear*.

_ *Eu vou fazer tipo um pé de feijão.* Responde *Craquem*.

_ *hmm, uma coisa grande... vou fazer um castelo. Um castelo é grande. Vou fazer o castelo da Barbie. Hehe.* (*Gummy Bear*)

_ *Eu to fazendo o pé de feijão e ele descendo.* (*Craquem*)

_ *E eu to fazendo um castelo. Ow, daí depois vamos juntar?* (*Gummy Bear*)

_ *Vai ficar legal, daí só desenha umas nuvens e o fim do pé no meio delas.* (*Craquem*)

Apreciamos a composição de *Gummy Bear*.



Figura 7 - Produção artística de Gummy Bear

Fonte da pesquisadora

_ O meu é o castelo da Barbie, hehe, ele completa o desenho do Craquem, ali ele sobe por aqui e chega ao castelo. Aí quando ele disse que ia fazer um pé de feijão, aí pensei vou fazer um castelo no céu, no destino do pé. Um desenho completa o outro.

Já que um desenho completa o outro, vamos apreciá-los de acordo com o ambiente imaginário dos dois adolescentes.

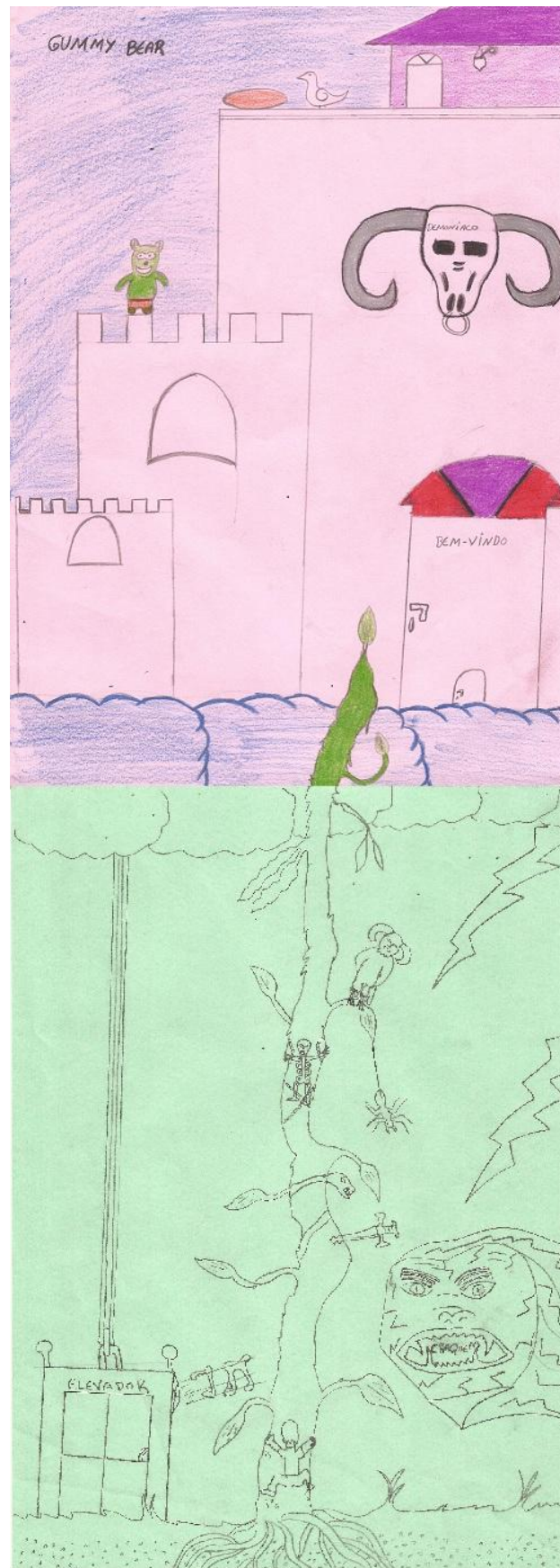


Figura 8 - Produções de *Gummy Bear* e *Craquem*

Fonte da pesquisadora

As produções artísticas juntas nos convidam a um passeio mágico, em uma incrível aventura, que hora nos lembra das histórias de nossa infância e hora nos revela uma nova história, repleta de personagens diferente coberta de surpresas. O que nos faz perceber que os caminhos percorridos pela imaginação dos adolescentes podem ser coletivos. Que durante o processo de criação, existe a possibilidade de um pensamento ser construído através do que duas pessoas, no caso dois adolescentes imaginam. Um vai inspirando o outro, e mais detalhes vão sendo imaginados e criados, assim a produção artística se torna mais rica em elementos e mais significativa.

O processo de criação e (re)significação de mundo é fruto da possibilidade de aproximação e associações inesperadas, que juntam significados que pareciam, anteriormente, desconectados, aumentando significativamente a rede de conhecimentos. (LEITE, 1998, p. 133).

Essas associações inesperadas são notáveis nas produções de *Gummy Bear* e *Craquem*. Quando vimos nas duas produções juntas um pé de feijão, o castelo da Barbie, esqueleto, carcaça, passarinho e urubus, além das claras referências aos seus próprios nomes de seres imaginante. O mostro Craquem e o bonequinho verde chamado Gummy.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (BARROS, 2003, p.59)



Figura 9 - Produção artística de *Meu Chapa*

Fonte da pesquisadora

_ *Eu fiz um carro, porque gosto de carros... e só.*

A fim de tentar descobrir os caminhos por onde sua imaginação percorreu pergunto: Foi a primeira coisa grande que você pensou?

_ *Foi a primeira coisa que eu imaginei, porque eu sempre gostei de desenha, e o desenho que me vem na cabeça sempre é carro, carro e carro.. uma coisa que eu gosto de desenha é isso. Eu esperava que ficasse muito mais perfeito, mas o meu desenho não é tão...*

Pergunto, não ficou do jeito que você imaginou?

_ *Eu achei que fosse ficar um pouquinho melhor.*

E você já tinha imaginado com essa cor, e com esse modelo?

_ *Eu imaginei dessa cor, assim mesmo, marrom e azul, porque esse carro é da minha imaginação, saiu da minha cabeça. Tem mais formato de carro por aí, mas igual esse não tem, é da minha cabeça. Esse da pra ver até as pessoas lá dentro, porque o vidro é transparente.*

Durante o processo de criação Meu Chapa me perguntou como poderia desenhar a parte de cima do carro. Nesse momento, pensei que qualquer resposta dada iria influenciar diretamente na criação do adolescente. E me questionei, como propor a aguçar a mente criativa sem interferir na criação do aluno? Essa mesma pergunta pode ser feita por outros professores de arte, e até mesmo de outras disciplinas. Propor sem influenciar é algo muito difícil, creio que o que possamos fazer é perguntar ao aluno, como você havia imaginado? Talvez assim, acionamos o botão que liga o motor do imaginário do aluno.

4.3 – Terceiro momento: Ambiente escolar e fantasias, pode isso?

Nesse momento propus aos participantes da oficina um exercício que envolva a imaginação criativa e sonhadora. Algo semelhante ao que o Brann (apud Girardello 2003, p.2) chama de “transparência da imaginação”, em que “recebemos de olhos abertos o mundo à nossa volta, ao mesmo tempo em que projetamos sobre ele as cenas interiores de nosso olho mental”. Dessa vez os seres imaginantes tiveram que imaginar algo diferente no espaço escolar, alguma coisa que eles gostariam que existisse na escola, algo inusitado, talvez que pudessem mostrar aos outros colegas algo que eles sempre imaginaram e nunca tiveram a oportunidade de fazer transparecer.

Para essa produção, os alunos apreciaram algumas obras do pintor belga Ben Heine⁷, que desde pequeno é apaixonado por duas linguagens da arte, o desenho e a fotografia. Por meio de sua série *Pencil VS Câmera* o artista conseguiu unir suas duas paixões e criou obras que misturam a fotografia com desenhos para criar situações extraordinárias. Através dessa poética os alunos criaram situações dentro do ambiente escolar, imaginaram o que criariam na escola e produziram fotografias. De acordo com Eitler (2000, p.39)

a foto, depende de escolhas e decisões humanas. É de nossa escolha o que e como fotografar alguém, alguma coisa ou ainda uma cena. Além disso, a fotografia é lida como superfícies que tem como objetivo,

⁷ Segundo o site oficial do artista, disponível em < www.benheine.com/bio.php > acesso em outubro de 2012. Ben Heine (nascido em 12 de junho de 1983 em Abidjan, Costa do Marfim) é um artista Belga multidisciplinar visual. Ele é mais conhecido por sua série original "Pencil Vs Camera", "Digital Circlism" e "Flesch and e acrylic". Ele foi profundamente influenciado pelo surrealismo belga, expressionismo alemão, Pop Art americana, e Realismo Social.

representar alguma coisa. Mas como a fotografia transforma o que inicialmente é tridimensional em plano (papel), é necessário que usemos nossa imaginação para tornar essa imagem novamente concreta.

Vamos apreciar as fantasias que as criaturas imaginantes conseguiram revelar dentro da escola.



Figura 10 - Produção artística de *Churupito*

Fonte da pesquisadora

_ A primeira coisa que eu ia fazer era uma centopeia na árvore, aí eu fiz, só que a centopeia ficou maior que a árvore. Aí eu fui na cozinha buscar um copo d'água, pra fazer uma coisinha lá, daí eu vi um vaso em cima da mesa das merendeiras, daí depois eu vi a flor na parede, aí juntei as ideias.

Segundo Ostrower (1995, p.1) “Não existe criação artística sem acasos. Mas será que existem acasos na criação?”. Como pudemos perceber a criação de *Churupito*, partiu do acaso. Mas não por qualquer acaso, e sim por eventos que despertaram uma atenção especial, chamados pela autora (p.3) de “acasos significativos”. De acordo com a autora supracitada:

Quando notamos um acaso significativo – e pode ser um evento em si insignificante – ele é “reconhecido” de imediato. Este ato de reconhecimento se dá de modo direto e com uma certeza absoluta, sem hesitação, e sem etapas intermediárias de reflexão ou dedução intelectual, estabelecendo-se naquele momento uma correspondência, uma espécie de consonância com algo dentro de nós. [...] No instante mesmo em que o acaso surge em nossa atenção, já o imbuímos de conteúdos existenciais, ligando-o a certos desejos e esperanças, a uma razão íntima e plenamente significativa para o nosso ser. (OSTROWER, 1995, p.3)

Partindo desse pressuposto, podemos notar que assim como *Churupito*, as pessoas são receptivas frente aos estímulos, e a partir de algo já existente nelas em forma de potencial é que se pode encontrar no acaso uma oportunidade concreta de se manifestar.

Através do relato do adolescente, conseguimos perceber a ação do acaso ao longo do percurso de criação. Segundo Salles (2011, p.41) isso acontece porque “a rota é temporariamente mudada, o artista acolhe o acaso e a obra em progresso incorpora os desvios. Depois deste acolhimento, não há mais retorno ao estado do processo no instante em que foi interrompido.”.



Figura 11 - Produção artística de *Pucca*

Fonte da pesquisadora

_ Primeiro eu imaginei uma fruta pendurada em uma árvore. Depois, logo já imaginei o balão, e depois que eu fiz esse aí, com a fotografia, aí deu vontade de fazer um monte de coisas. É difícil de a gente ver balão por aqui, ainda mais voando por cima da escola.

As vezes as produções dos adolescentes se revelam em sonhos, algo que eles gostariam que fizesse parte de sua realidade, que existisse no seu cotidiano, e aparece de maneira direta ou indiretamente em suas criações. Segundo Egan (2007, p.28) a imaginação é o que nos permite vislumbrar possibilidades para ir além da realidade em que vivemos. Em muitas vezes nos pegamos em momentos de devaneio, onde a imaginação embarca em um balão e nos conduz a um mundo somente dela. Os ventos que fazem conduzir esse balão, também fazem as pessoas se ausentarem do momento real, lançando-as a um novo lugar, onde tudo pode ser criado. Nas palavras de Bachelard (2001, p.4) “O devaneio se contenta em

transportar-nos alhures, sem que possamos realmente viver todas as imagens do percurso. O sonhador deixa-se ir à deriva.”

Em um momento de devaneios, misturados a uma imaginação sonhadora *Gummy Bear*, cria ambientes de lazer no espaço escolar.

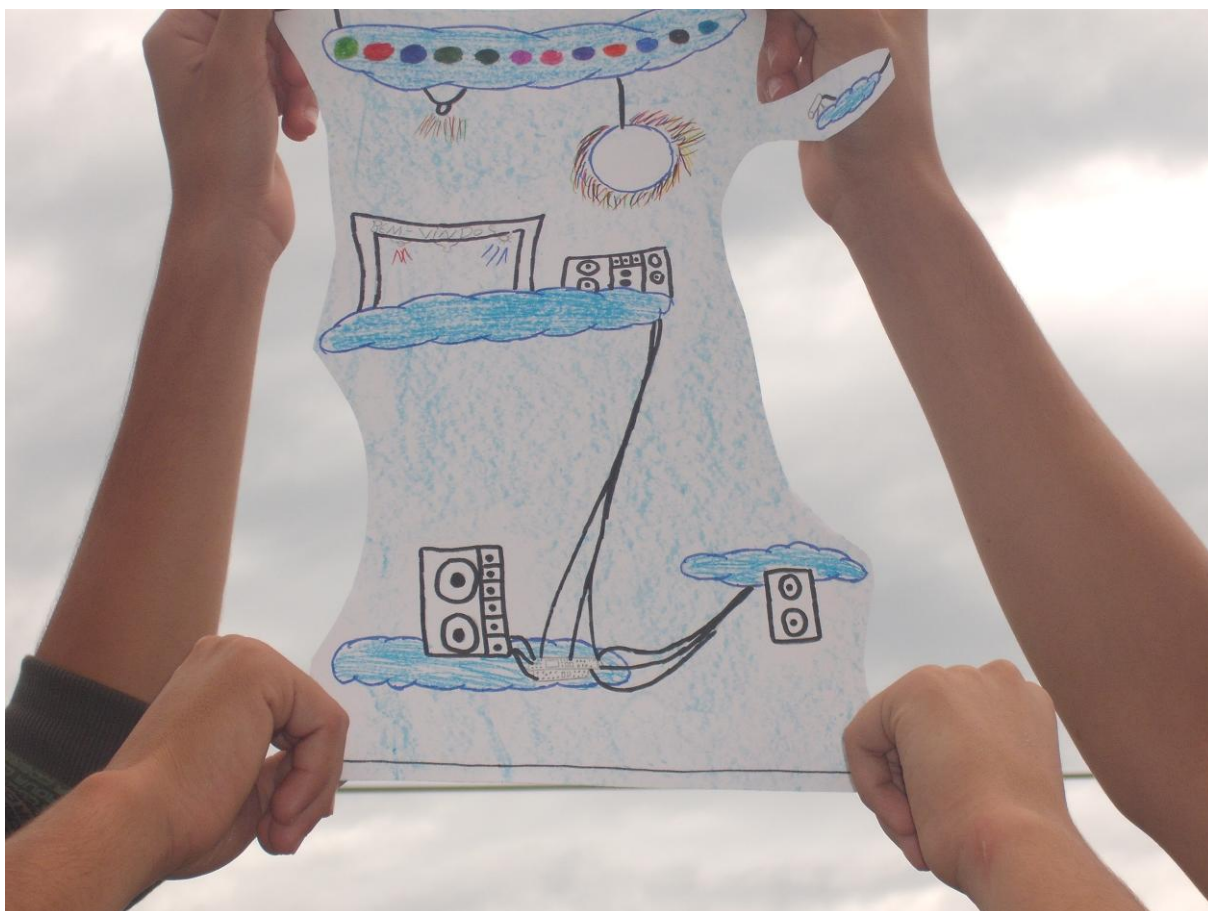


Figura 12 - Produção artística de *Gummy Bear*

Fonte da pesquisadora

— *É uma boate no céu, era para ser no outro lado aqui da escola, mas daí eu aproveitei a fiação, puxei o fio aqui da escola para montar a boate.*

Pergunto se foi a primeira coisa que ele imaginou, na tentativa de descobrir os caminhos por onde sua imaginação percorreu.

— *Não, eu ia fazer um pé de feijão lá em cima do morro, só que não gostei. Aí eu ia fazer o Jack, tipo só metade da cara dele, com umas coisas doidas, só que não deu certo, não ficou muito bom, daí eu fiz a boate.*

Pergunto se ficou do jeito que ele havia imaginado.

_ *Mais ou menos, eu ia fazer uma casinha assim, com um telhadinho, mas não deu certo, podia ter ficado melhor.*

Vigotsky (2009, p.26) acredita que exista uma relação recíproca entre imaginação e emoção, pois tudo o que constrói a fantasia influi no sentimento. Assim mesmo que a ação seja fantasiosa, o sentimento que ela traz é da realidade, é verdadeiro. Construir um lugar na escola para se divertir é uma ação fantasiosa de muitos adolescentes, elas envolvem geralmente a música, danças, esportes, lugares para que os mesmos se sintam a vontade, para conversar e se manifestar de maneira informal, sem que um professor ou instituição diga a eles, como devem agir ou como devem se comportar.

Podemos perceber na produção de *Gummy Bear*, uma interação entre o real e o imaginário que se transforma em criação, quando o participante relata que puxa o fio da escola para montar a boate. Percebe-se o fio na fotografia que é reproduzido no desenho, o mesmo segundo o adolescente é que leva a energia para a boate no céu. Com certeza essa boate faria sucesso com os adolescentes na hora do intervalo. Consigo imaginar os alunos dançando e conversando sobre as nuvens.

Nos caminhos da criação artística, muitos devaneios e imaginações sonhadoras passam pela mente dos adolescentes. Porém, muitos desses pensamentos se perdem quando o aluno resolve criar o que acha que vai agradar, tanto ao professor quanto aos colegas de turma. No espaço de narrativa proposto com a oficina, os alunos embora mantivessem essa preocupação, se sentiram mais seguros para fazer o que realmente queriam criar. Acredito que momentos assim devem ser propostos em sala de aula, pois dessa forma o aluno se sentirá mais seguro para produzir suas criações, pois estas se tornarão significativas, e ao mesmo tempo, o professor está deixando que o aluno abra espaço para a ação imaginante.



Figura 13 - Produção artística de Jack

Fonte da pesquisadora

_ *Eu pensei numa caixa de som, no fundo da sala. Aí eu comecei a desenhar, desenhar, desenhar e não parei mais, E é assim, quando eu começo a gostar de riscar eu não paro mais. A primeira ideia foi só a caixa de som, aí coloquei um Dj, e comecei a riscar, a riscar, à fazer o chão, botei até o Jack dentro.*

Pergunto sobre a diferença entre as produções.

_ *Essa foi mais tranquila, porque usei uma caneta maior, e também não pinte...*

Sobre a diferença entre o que foi imaginado e o que foi produzido.

_ *Ficou bem diferente, eu tinha imaginado a caixa atrás da sala com umas cadeiras na frente e as pessoas dançando, mas resolvi fazer só o chão mesmo.*

Porém, dentro do espaço de narrativas, Jack conta aos participantes ter gostado mais da produção do que o que havia imaginado primeiramente, pois foi criando mais coisas depois que começou a desenhar. Às vezes os alunos imaginam algo e quando vão produzi-lo, acabam imaginando outras coisas no decorrer do

processo de criação. São as metamorfoses, onde existe a possibilidade de poder misturar infinitas ideias, para representar o pensamento projetante.

Perseguir ideias é mergulhar no mar de suas potencialidades, buscando mais referências, procurando novas perspectivas para investiga-las, perscrutando novas hipóteses, no exercício do pensamento projetante. Esse trabalho envolve os aprendizes quanto o educador como estudioso e pesquisadores. (MARTINS, 1998, p. 161).

Ampliando os olhares dos alunos, provocando o seu imaginário, aumentando seu repertório artístico-cultural e incentivando que eles também sejam pesquisadores. Deste modo, os professores estão contribuindo para que cada aluno mergulhe cada vez mais profundo no mar de imaginações, onde ele terá possibilidades de conhecer suas potencialidades para o ato de criação.

Sabendo que os professores realizam com maior propriedade, quando provocam nos educandos experiências já vivenciadas por eles. Pensando nisso, trago um projeto de curso que visa proporcionar aos professores de arte, experiências estéticas relacionadas à imaginação e o ato de criação.

TÍTULO: Professores, dando asas às suas imaginações.

EMENTA: Arte; Imaginação; ato de criação e produção artística.

JUSTIFICATIVA:

Só os alunos podem imaginar? Essa resposta é simples, claro que não, os professores também podem imaginar. Na verdade qualquer pessoa pode e deve ter momentos destinados à imaginação.

Como visto anteriormente, é muito importante que professores possam estimular, incentivar e provocar inúmeras experiências estéticas possíveis de serem vivenciadas por seus alunos. Para que eles ampliem seu repertório, sensibilizem o seu olhar, vistam os óculos da imaginação e criem produções significativas.

Para que isso aconteça, é necessário que o professor esteja aberto para ampliar o seu próprio repertório visual, tornando-o rico o suficiente para estimular os alunos a procurarem cada vez mais, capacitando-os, desse modo, para a construção de um conhecimento mais profundo e significativo de si mesmos e do meio em que vivem (ALBANO 2010, p.52).

Desta forma, sugiro um curso de formação continuada com os Professores de arte, através das Secretárias de Educação. Onde os professores em encontros bimestrais possam estar se aperfeiçoando através de oficinas, palestras e troca de experiências com os outros professores de arte.

Nessa proposta, os professores devem retirar sua imaginação da caixa guardada ao fundo do armário, dar uma sacudida para cair a poeira e dar asas à imaginação sonhadora.

OBJETIVO GERAL:

Proporcionar aos professores momentos de estimulação para à imaginação que se transforma em criação/produção artística.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Possibilitar aos professores, o desenvolvimento de um olhar sensível para como imaginamos e criamos;
- Estimular a imaginação sonhadora partindo de suas identidades;
- Proporcionar momentos de imaginação individual e coletiva, abrindo espaços para a criação;
- Ampliar repertórios individuais e coletivos integrando os professores.

Público Alvo:

Professores de Arte.

Proposta de Carga Horária:

Quatro encontros de 03 horas/aula durante o ano escolar, dividido em um [01] encontro por bimestre, totalizando 12horas/aula.

METODOLOGIA:

Os encontros serão realizados na Secretaria de Educação, em uma escola ou em outro lugar, dependendo do município a ser realizado. Nos encontros teremos momentos de teoria e prática sobre a imaginação e o ato de criar. Conheceremos

obras de arte e gestos inacabados de artistas que priorizam a imaginação para manifestar sua arte. Habitaremos universos lúdicos, onde os professores experimentarão inventar combinações, criar novas formas e descobrir novas cores.

Os professores terão oportunidade de criar produções artísticas partindo de sua própria identidade. Terão momentos de socialização, de diálogos sobre as produções suas e de seus alunos. Fazendo uma troca de conhecimento e de experiências.

Durante o percurso dessa proposta, os professores poderão conhecer atividades que provoquem a ação do imaginário dos alunos em suas aulas, para que eles possam se sentir à vontade para criarem produções significativas, em muitas linguagens da arte.

Referência da proposta

ALBANO, Ana Angélica. Pensando as artes visuais na educação. In DIAS, Adriana Rodrigues; GONÇALVES, Tatiana Fecchio (orgs.). **Entre linhas, formas e cores**. São Paulo: Papirus, 2010

5 - POR ONDE ANDEI E POR ONDE PRETENDO VOAR

Foi possível perceber que muitos caminhos foram traçados e que durante a caminhada dessa pesquisa, a imaginação foi o combustível, que ligou o motor de muitas criações. Tive a possibilidade de seguir as pegadas da imaginação para a criação/produção artística, de caminhar de mãos dadas com os adolescentes pelo ensino da arte e de construir caminhos até as conversas imaginárias. Proporcionando através da oficina *Dando asas à criação artística*, uma travessia ao portal para o mundo imaginário. Onde abrimos espaços que revelaram identidades, intimidades, sonhos, criatividade, acasos, ideias e criações.

Através da oficina pode-se notar que muitos adolescentes são influenciados em suas criações, por elementos do cotidiano, por filmes, séries, desenhos entre outros. Eles criam suas produções artísticas sobre o que gostam, trazendo referências de suas vivências, muitas vezes sobre fatos significativos.

Durante a pesquisa, percebe-se que propor espaços para a imaginação é muito importante para os alunos. Eles ficam confiantes de seus potenciais criadores, acreditando serem os seres imaginários que são. E que provocar, “alimentar os aprendizes com ampliação de referências e diálogos que problematizam o projeto certamente impulsionará o perseguir ideias, indo mais longe do que poderíamos prever” (MARTINS, 1998, p. 161). Desta forma, podemos entender que quanto mais o estudante tiver oportunidade de significar o ambiente que o cerca através da arte, maior será seu poder de percepção sensível, de memória e imagens significativas e de imaginação criadora, tendo consciência de si mesmo e do mundo. O aguçamento da imaginação de jovens estudantes, si dará com eficiência quando o professor de arte, provocar a percepção e análise de formas, cores, diferenças e semelhanças. Não de uma forma regrada, que precisa ser fragmentada e estudada passa-a-passo, mas sim, de uma forma que seja significativa para o estudante. Que lhe cause estranhamento ou admiração, que possa chocar ou agradar logo em que a percebe.

O ampliar é o fio condutor do professor, na possibilidade dessa busca de sua própria poética, para que ele plante um pontinho de interrogação em seus alunos. A curiosidade é uma maneira de abrir horizontes de possibilidades e potencialidades. Essas provocações podem despertar o prazer de conhecer, refletir, compreender, compartilhar e assim, aprender com a socialização com seus colegas. Nessa aventura, os alunos poderão deixar suas marcas, conhecer as dos colegas,

atravessar portais da imaginação e desejar novas aventuras. Dessa forma o ensino da arte não terá fronteiras, mas apenas horizontes.

Concluo esta pesquisa com um considerável aumento em minha caixinha da imaginação, repleta de memórias e imagens, e com mais vontade de embarcar no balão que me leva aos ventos imaginários. Em busca de novas aventuras com a criação artística, não termino esta pesquisa com respostas exatas, mas carrego em minha mochila alguns questionamentos partindo dessa experiência. Percebendo que a imaginação dos adolescentes percorrem diversos caminhos para a criação artística, será que existem diferentes possibilidades de se imaginar para criar em outras linguagens da arte? Há diferença no processo de criação, quando se imagina uma produção artística em música, dança ou teatro? E assim, a história não acaba por aqui, mas abri outros caminhos para futuras aventuras.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. Pensando as artes visuais na educação. In DIAS, Adriana Rodrigues; GONÇALVES, Tatiana Fecchio (orgs.). **Entre linhas, formas e cores**. São Paulo: Papirus, 2010.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Legislação e propostas curriculares: Há lugar para a imaginação? In FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir da Silva (orgs.). **Infância: Imagem e educação em debate**. Campinas, SP: Papirus, 2007(p. 121- 139).

BARROS, Manuel de. **Memórias inventadas**: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.

BRASIL Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte. 3. ed. Brasília: DP&A, 2001. 130 p.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6. ed São Paulo: Cortez, 2003.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cor, som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006. 130p.

EGAN, Kieran. Por que a imaginação é importante na educação. In FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir da Silva (orgs.). **Infância: Imagem e educação em debate**. Campinas, SP: Papirus, 2007. (p. 11- 35).

EITLER, Kita. Questões sobre a fotografia: olhando o mundo pelo buraco do alfinete. In GARCIA, Regina Leite. (org.) **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (p. 33- 45)

GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. A Imaginação no Contexto da Recepção. **ANIMUS** – Revista Interamericana de Comunicação Midiática. V. II, n.1, jan - jun 2003. (p. 9 – 24).

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **As experiências com literatura nos relatos das crianças**: abrindo espaços de narrativa. 87 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

_____. A formação de professores (re)significada nos espaços de narrativa. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (orgs.). **Educação e Arte**: as linguagens artísticas na formação humana. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 109 - 118.

LEITE, Maria Isabel. Espaços de narrativa. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisa. São Paulo: Cortez, 2008. p. 118 - 140.

_____. Desenho infantil: questões e práticas polêmicas. In: KRAMER, Sônia

(org.). **Infância e produção cultural**. Campinas: Papirus, 1998. p. 131-150

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte** : a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MAURA, Daniela. O processo criativo como elemento de construção. In DIAS, Adriana Rodrigues; GONÇALVES, Tatiana Fecchio (orgs.). **Entre linhas, formas e cores**. São Paulo: Papirus, 2010

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Coleção temas sociais)

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1995. 289 p.

_____. **Criatividade e processos de criação**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 187 p.

PESSI, Deise Cristina Venson. **Janelas imaginárias**: um olhar para a imaginação de crianças e adultos. 2011. 82 f. TCC (Curso de Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Estudos Temáticos. Florianópolis: IOESC, 1998.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto Inacabado**: Processo de criação artística. 5 ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

SILVA, Angela Carrancho da. **Escola com arte**: multicaminhos para a transformação. Porto Alegre: Mediação, 2006. 119 p.

SILVA, Maria Helena Périco da. **Quais os espaços imaginativos presentes nas aulas de artes?** Um estudo de caso com alunos da terceira série da E.E.B. Professora Maria Garcia Pessi. 2009. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2009

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

VALENTIM, Anamelia Fontana. **A cópia na Moda**: Imaginário e Espetáculo. 10 f. Anais do IV Simpósio sobre Formação de Professores – SIMFOP, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC 2012.

VYGOTSKY, Lev. **La imaginación y el arte en la infancia**. 6. ed. Madri: Ediciones Akal, 2009.

APÊNDICE(S)

APENDICE A – Autorização dos participantes para o uso das falas, produções e imagens.

AUTORIZAÇÃO

Eu,....., que tenho.....anos de idade, aceito participar de uma pesquisa que busca investigar e analisar **quais os caminhos percorridos pela imaginação dos adolescentes do Ensino Médio, na produção/criação artística em diferentes linguagens**. Autorizo assim a acadêmica Aislana dos Santos da Rosa, aluna do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, a fazer uso de minhas falas, produções e imagens em sua pesquisa de conclusão de curso (TCC) sobre a imaginação e o processo de criação artística, realizada através de oficina na escola com estudantes do ensino médio.

Atenciosamente,

Assinatura do aluno

Criciúma, de outubro de 2012

AUTORIZAÇÃO

Eu,.....(nome do pai ou da mãe), RG.....(nº da Identidade), autorizo meu (minha) filho(a).....(nome do(a) aluno(a)), a participar de uma pesquisa de conclusão de curso que trata sobre **“Quais os caminhos percorridos pela imaginação dos adolescentes do Ensino Médio, na produção/criação artística em diferentes linguagens?”** Autorizando assim, a acadêmica Aislana dos Santos da Rosa, aluna do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, fazer o uso de sua fala, produções artísticas e imagens para uso desta pesquisa. .

Atenciosamente,

Assinatura

Criciúma, de outubro de 2012.

APENDICE B – Carta de apresentação e autorização à Escola Estadual João Dos Santos Areão.

CARTA DE APRESENTAÇÃO/AUTORIZAÇÃO

A/C: **Sr. Ivonei Generoso**
Diretor da escola

Eu, Aislana dos Santos da Rosa, portadora do RG 5290388-5, acadêmica da 8ª fase do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, venho por meio deste solicitar autorização da Escola Estadual de Ensino Básico João dos Santos Areão, para realizar meu trabalho de pesquisa de conclusão de curso (TCC), que busca investigar e analisar **quais os caminhos percorridos pela imaginação dos adolescentes do Ensino Médio, na produção/criação artística em diferentes linguagens**. Esta solicitação autoriza a realização de uma oficina de apreciação e produção estética com os alunos do Ensino Médio, tendo como local o auditório da escola. Assim declaro estar ciente e de acordo com a realização da proposta.

Atenciosamente,

(Carimbo de sua função e da escola)

Criciúma, de setembro de 2012

APENDICE C – Cartaz de divulgação da oficina

O F I C I N A

Dando Asas à Criação Artística

com Aislana Lee

*Venha descobrir o seu
potencial criador!*

Explore seu
IMAGINÁRIO!

Oficina gratuita!
Para estudantes do Ensino Médio.

Data: **14/10/2012** (quinta-feira)
Hora: **13h30**
Local: **Auditório E.E.B. João dos Santos Areão**
Inscrições antecipadas pelo tel. (48) 96045839.
15 vagas disponíveis.

Inscriva-se!

The poster features a black and white illustration of a woman's face and shoulders, resting her chin on her hand. From the top of her head, a vibrant, multi-colored, abstract shape resembling a large, stylized flower or a burst of creativity erupts. This shape is filled with various patterns, including stars, rainbows, and geometric designs. The background is white, and the text is arranged in a clean, modern layout.